

OS LUSÍADAS

LUÍS DE CAMÕES



CLASSICOS
SARAIVA

Prêmio internacional HOW Design Annual – 2010
para as capas da coleção. *HOW Magazine* é
renomada revista americana de design gráfico.

Prêmio internacional AIGA 50 Books/50Covers –
2008 para o projeto gráfico da coleção pelo
American Institute of Graphic Arts (AIGA).

OS LUSÍADAS LUÍS DE CAMÕES

 CLASSICOS
SARAIVA

1ª edição

Conforme a nova ortografia

Gerente editorial

Rogério Gastaldo

Editora-assistente

Solange Mingorance

Coordenação editorial e de produção

Edições Jogo de Amarelinha

Projeto gráfico, edição de arte e diagramação

Casa Rex

Ilustração da capa

Carvall

Cotejo de originais

Claudia Maietta

Revisão

Penelope Britto, Priscila Ramos de Azevedo

Elaboração *Diários de um Clássico, Contextualização Histórica e Suplemento de Atividades*

Claudio Blanc

Elaboração *Entrevista Imaginária e Projeto Leitura e Didatização*

Davi Fazzolari

Produção gráfica

Rogério Strelciuc

Impressão e acabamento

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Camões, Luís de, 1524-1580.

Os Lusíadas / Luís de Camões. — São Paulo :

Saraiva, 2010. — (Clássicos Saraiva)

Suplementado por caderno de atividades

ISBN 978-85-02-09490-1

1. Poesia portuguesa I. Título. II. Série.
10-02252

CDD-869.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura portuguesa 869.1

8ª tiragem, 2017

© Editora Saraiva, 2010

SARAIVA Educação Ltda.

Av. das Nações Unidas, 7.221 - Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.editorasaraiva.com.br

CL: 810134

CAE: 571387

Caro leitor,

Durante todo o ensino fundamental, o estudante terá percorrido oito ou nove anos de leitura de textos variados. Ao chegar ao ensino médio, ele passa a ter contato com o estudo sistematizado de Literatura Brasileira. Nesse sentido, aprende a situar autores e obras na linha do tempo, a identificar a estética literária a que pertencem etc. Mas não passa, necessariamente, a ler mais.

*É tempo de repensar esse caminho. É hora de propor novos rumos à leitura e à forma como se lê. Os **CLÁSSICOS SARAIVA** pretendem oferecer ao estudante e ao professor uma gama de opções de leitura que proporcione um modo de organizar o trabalho de formação de leitores competentes, de consolidação de hábitos de leitura, e também de preparação para o vestibular e para a vida adulta. Apresentando obras clássicas da literatura brasileira, portuguesa e universal, oferecemos a possibilidade de estabelecer um diálogo entre autores, entre obras, entre estilos, entre tempos diferentes.*

Afinal, por que não promover diálogos internos na literatura e também com outras artes e linguagens? Veja o que nos diz o professor William Cereja: “A literatura é um fenômeno artístico e cultural vivo, dinâmico, complexo, que não caminha de forma linear e isolada. Os diálogos que ocorrem em seu interior transcendem fronteiras geográficas e linguísticas. Ora, se o percurso da própria literatura está cheio de rupturas, retomadas e saltos, por que o professor, prendendo-se à rigidez da cronologia histórica, deveria engessá-la?”.

*Esperamos oferecer ao jovem leitor e ao público em geral um panorama de obras de leitura fundamental para a formação de um cidadão consciente e bem-preparado para o mundo do século XXI. Para tanto, além da seleção de textos de grande valor da literatura brasileira, portuguesa e universal, os **CLÁSSICOS SARAIVA** apresentam, ao final de cada livro, os **DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO** – um panorama do autor, de sua obra, de sua linguagem e estilo, do mundo em que viveu e muito mais. Além disso, oferecemos um painel de textos para a **CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA** – contextos históricos, sociais e culturais relacionados ao período literário em que a obra floresceu. Por fim, oferecemos uma **ENTREVISTA IMAGINÁRIA** com o Autor – uma conversa fictícia com o escritor em algum momento-chave de sua vida.*

Desejamos que você, caríssimo leitor, desfrute o prazer da leitura. Faça uma boa viagem!



SUMÁRIO

OS LUSÍADAS

Canto Primeiro	9
Canto Segundo	36
Canto Terceiro	65
Canto Quarto	101
Canto Quinto	128
Canto Sexto	154
Canto Sétimo	179
Canto Oitavo	201
Canto Nono	226
Canto Décimo	250

DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO	291
CONTEXUALIZAÇÃO HISTÓRICA	307
ENTREVISTA IMAGINÁRIA	315

CANTO PRIMEIRO

- 1 As armas e os *barões* assinalados
Que, da Ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da *Taprobana*,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;
- 2 E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras *valerosas*
Se vão da lei da Morte libertando:
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.
- 3 Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de *Alexandro* e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

- 4 E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em *mi* um novo engenho ardente,
Se sempre, em verso humilde, celebrado
Foi de *mi* vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo *grandíloco* e corrente,
Por que de vossas águas Febo ordene
Que não tenham *enveja* às de Hipocrene.
- 5 Dai-me *hũa* fúria grande e sonora,
E não de agreste avena ou *frauta ruda*,
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe e se cante no Universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.
- 6 E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certíssima esperança
De aumento da pequena Cristandade;
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus (que todo o mande,
Pera do mundo a Deus dar parte grande);
- 7 Vós, tenro e novo ramo florecente,
De *hũa* árvore, de Cristo mais amada
Que nen *hũa* nascida no Ocidente,
Cesárea ou Cristianíssima chamada,
(Vede-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a vitória já passada,
Na qual vos deu por armas e deixou
As que Ele *pera* Si na Cruz tomou);

- 8 Vós, poderoso Rei, cujo alto Império
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro;
Vê-o também no meio do Hemisfério,
E, quando *dece*, o deixa derradeiro;
Vós, que esperamos jugo e vitupério
Do torpe Ismaelita cavaleiro,
Do Turco Oriental e do Gentio
Que *inda* bebe o licor do santo Rio:
- 9 Inclinaí por um pouco a majestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que já se mostra qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno Templo;
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão: vereis um novo exemplo
De amor dos pátrios feitos *valerosos*,
Em versos *devulgado* numerosos.
- 10 Vereis amor da pátria, não movido
De prêmio vil, mas alto e quase eterno;
Que não é prêmio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
Ouvi: vereis o nome engrandecido
Daqueles de quem sois senhor superno,
E julgareis qual é mais excelente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.
- 11 Ouvi: que não vereis com vãs façanhas,
Fantásticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas,
Que excedem *Rodamonte* e o vão *Rugeiro*,
E Orlando, *inda* que fora verdadeiro.

- 12 Por estes vos darei um Nuno fero,
Que fez ao Rei e ao Reino tal serviço,
Um Egas e um Dom Fuas, que de Homero
A cítara para eles só cobiço;
Pois *polos* Doze Pares dar-vos quero
Os Doze de Inglaterra e o seu Magriço;
Dou-vos também aquele ilustre Gama,
Que para si de Eneias toma a fama.
- 13 Pois, se a troco de Carlos, Rei de França,
Ou de César, quereis igual memória,
Vede o primeiro Afonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha glória;
E aquele que a seu Reino a segurança
Deixou, *co* a grande e próspera vitória;
Outro *Joanne*, invicto cavaleiro;
O quarto e quinto Afonsos e o terceiro.
- 14 Nem deixarão meus versos esquecidos
Aqueles que, nos Reinos lá da Aurora,
Se fizeram por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Um Pacheco fortíssimo e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora,
Albuquerque *terribil*, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte.
- 15 E, enquanto eu estes canto, e a vós não posso,
Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
Tomai as rédeas vós do Reino vosso:
Dareis matéria a nunca ouvido canto.
Comecem a sentir o peso grosso
(Que *polo* mundo todo faça espanto)
De exércitos e feitos singulares
De África as terras e do Oriente os mares.

- 16 Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê seu exício afigurado;
Só com vos ver, o bárbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado;
Tethys todo o cerúleo senhorio
Tem *pera* vós por dote aparelhado,
Que, afeiçoada ao gesto belo e tenro,
Deseja de comprar-vos *pera* genro.
- 17 Em vós se vem, da Olímpica morada,
Dos *dous* avôs as almas cá famosas;
Hũa na paz angélica dourada,
Outra, *polas* batalhas sanguinosas.
Em vós esperam ver-se renovada
Sua memória e obras *valerosas*;
E lá vos *tem* lugar, no fim da idade,
No templo da suprema Eternidade.
- 18 Mas, enquanto este tempo passa lento
De regerdes os povos que o desejam,
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Pera que estes meus versos vossos sejam;
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas, *por* que vejam
Que são vistos de vós no mar irado,
E costumai-vos já a ser invocado.
- 19 Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas côncavas inchando;
Da branca espuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As marítimas águas consagradas,
Que do gado de Próteu são cortadas,

- 20 Quando os Deuses no Olimpo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em concílio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente.
Pisando o cristalino Céu *fermoso*,
Vem pela Via Láctea juntamente,
Convocados, da parte de Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.
- 21 Deixam dos Sete Céus o regimento,
Que do poder mais alto *lhe* foi dado,
Alto Poder, que só *co* pensamento
Governa o Céu, a Terra e o Mar irado.
Ali se acharam juntos, num momento,
Os que habitam o Arcturo congelado
E os que o Austro *tem* e as partes onde
A Aurora nasce e o claro Sol se esconde.
- 22 Estava o Padre ali, sublime e *dino*,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
Num assento de estrelas cristalino,
Com gesto alto, severo e soberano;
Do rosto respirava um ar divino,
Que divino tornara um corpo humano;
Com *hũa* coroa e *ceptro* rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.
- 23 Em luzentes assentos, marchetados
De ouro e de *perlas*, mais abaixo estavam
Os outros Deuses, todos assentados,
Como a Razão e a Ordem concertavam
(Precedem os antigos, mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentavam);
Quando Júpiter alto, *assi* dizendo,
Cum tom de voz começa, grave e horrendo:

- 24 “Eternos moradores do luzente,
Estelífero Polo e claro Assento:
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente
Como é dos Fados grandes certo intento
Que por ela se esqueçam os humanos
De Assírios, Persas, Gregos e Romanos.
- 25 Já lhe foi (bem o vistes) concedido,
Cum poder tão singelo e tão pequeno,
Tomar ao Mouro forte e guarnecido
Toda a terra que rega o Tejo ameno;
Pois contra o Castelhana tão temido
Sempre alcançou favor do Céu sereno.
Assi que sempre, enfim, com fama e glória,
Teve os troféus pendentes da vitória.
- 26 Deixo, Deuses, atrás a fama antiga,
Que *co* a gente de Rómulo alcançaram,
Quando com Viriato, na inimiga
Guerra Romana, tanto se afamaram.
Também deixo a memória que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Um por seu capitão, que, peregrino,
Fingiu na cerva espírito divino.
- 27 Agora vedes bem que, cometendo
O duvidoso mar num lenho leve,
Por vias nunca usadas, não temendo
De África e Noto a força, a mais se atreve:
Que, havendo tanto já que as partes vendo
Onde o dia é *comprido* e onde breve,
Inclinam seu propósito e *perfia*
A ver os berços onde nasce o dia.

- 28 Prometido *lhe* está do Fado eterno,
Cuja alta lei não pode ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar que vê do Sol a roxa entrada.
Nas águas *tem* passado o duro Inverno;
A gente vem perdida e trabalhada.
Já parece bem feito que *lhe* seja
Mostrada a nova terra que deseja.
- 29 E, porque, como vistes, tem passados
Na viagem tão ásperos perigos,
Tantos climas e céus *experimentados*,
Tanto furor de ventos inimigos,
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa Africana como amigos,
E, tendo guarneçada a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota.”
- 30 Estas palavras Júpiter *dezia*,
Quando os Deuses, por ordem respondendo,
Na sentença um do outro *difiria*,
Razões diversas dando e recebendo.
O padre Baco ali não consentia
No que Júpiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a Lusitana gente.
- 31 Ouvido tinha aos Fados que viria
Hũa gente fortíssima de Espanha,
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da Índia tudo quanto Dóris banha,
E com novas vitórias venceria
A fama antiga, ou sua ou fosse estranha.
Altamente *lhe* dói perder a glória
De que Nisa celebra *inda* a memória.

- 32 Vê que já teve o Indo *sojugado*
E nunca lhe tirou Fortuna ou caso
Por vencedor da Índia ser cantado
De quantos bebem a água de Parnaso.
Teme agora que seja sepultado
Seu tão célebre nome em negro vaso
De água do esquecimento, se lá chegam
Os fortes Portugueses que navegam.
- 33 Sustentava contra ele Vénus bela,
Afeiçoada à gente Lusitana,
Por quantas qualidades via nela
Da antiga, tão amada sua, Romana;
Nos fortes corações, na grande estrela,
Que mostraram na terra Tingitana,
E na língua, na qual, quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a Latina.
- 34 Estas causas moviam Citereia,
E mais, porque das Parcas claro entende
Que há de ser celebrada a clara Deia,
Onde a gente belígera se estende.
Assi que, um, pela infâmia que arreceia,
E o outro, *polas* honras que pretende,
Debatem, e na *perfia* permanecem;
A qualquer seus amigos favorecem.
- 35 Qual Austro fero ou Bóreas, na espessura,
De silvestre arvoredo abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata escura,
Com *impito* e braveza desmedida;
Brama toda montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
Tal andava o tumulto, levantado
Entre os Deuses, no Olimpo consagrado.

- 36 Mas Marte, que da Deusa sustentava
Entre todos as partes em porfia,
Ou porque o amor antigo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia,
De *antre* os Deuses em pé se levantava
(*Merencório* no gesto parecia),
O forte escudo, ao colo pendurado,
Deitando *pera* trás, medonho e irado.
- 37 A viseira do elmo de diamante
Alevantando um pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer se pôs diante
De Júpiter, armado, forte e duro;
E, dando *hũa* pancada penetrante,
Co conto do bastão, no sόlio puro,
O Céu tremeu, e Apolo, de torvado,
Um pouco a luz perdeu, como *infiado*;
- 38 E disse *assi*: “Ó Padre, a cujo império
Tudo aquilo obedece que criaste:
Se esta gente que busca outro Hemisfério,
Cuja valia e obras tanto amaste,
Não queres que padeçam vitupério,
Como há já tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois és juiz direito,
Razões de quem parece que é suspeito.
- 39 Que, se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fora que aqui Baco os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu tão privado;
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque enfim vem de *estamago* danado,
Que nunca tirará alheia *enveja*
O bem que outrem merece e o Céu deseja.

- 40 E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação que tens tomada
Não tornes por detrás, pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada.
Mercúrio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve e à seta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
Da Índia e onde a gente se reforme.”
- 41 Como isto disse, o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentiu
No que disse *Mavorte valeroso*,
E néctar sobre todos esparziu.
Pelo caminho Lácteo glorioso,
Logo cada um dos Deuses se partiu,
Fazendo seus reais acatamentos,
Pera os determinados *apousentos*.
- 42 Enquanto isto se passa na *fermosa*
Casa etérea do Olimpo omnipotente,
Cortava o mar a gente belicosa
Já lá da banda do Austro e do Oriente,
Entre a costa Etiópica e a famosa
Ilha de São Lourenço; e o Sol ardente
Queimava então os Deuses, que Tifeu
Co temor grande em *pexes* converteu.
- 43 Tão brandamente os ventos os levavam,
Como quem o Céu tinha por amigo;
Serenos o ar e os tempos se mostravam,
Sem nuvens, sem receio de perigo.
O promontório Prasso já passavam,
Na costa de Etiópia, nome antigo,
Quando o mar, descobrindo, *lhe* mostrava
Novas ilhas, que em torno cerca e lava.

- 44 Vasco da Gama, o forte Capitão,
Que a tamanhas empresas se oferece,
De soberbo e de altivo coração,
A quem Fortuna sempre favorece,
Pera se aqui deter não vê razão,
Que inabitada a terra lhe parece.
Por diante passar determinava,
Mas não lhe sucedeu como cuidava.
- 45 Eis aparecem logo em companhia
Uns pequenos batéis, que *vem* daquela
Que mais chegada à terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vela.
A gente se alvoroça e, de alegria,
Não sabe mais que olhar a causa dela.
“Que gente será esta? (em si *dezi*am)
Que costumes, que Lei, que Rei teriam?”
- 46 As embarcações eram na maneira
Mui *veloces*, estreitas e compridas;
As velas com que *vem* eram de esteira,
De *hũa* folhas de palma, bem tecidas;
A gente da cor era verdadeira
Que Fáeton, nas terras acendidas,
Ao mundo deu, de ousado e não prudente.
O Pado o sabe e Lampetusa o sente.
- 47 De panos de algodão vinham vestidos,
De várias cores, brancos e listrados;
Uns trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados;
Das cintas *pera* cima *vem* despídos;
Por armas *tem* adagas e terçados;
Com toucas na cabeça; e, navegando,
Anafis sonorosos vão tocando.

- 48 *Cos* panos e *cos* braços acenavam
Às gentes Lusitanas, que esperassem;
Mas já as proas ligeiras se inclinavam,
Pera que junto às Ilhas amainassem.
A gente e marinheiros trabalhavam,
Como se aqui os trabalhos se acabassem:
Tomam velas, amaina-se a verga alta;
Da âncora o mar ferido em cima salta.
- 49 Não eram ancorados, quando a gente
Estranha *polas* cordas já subia.
No gesto ledos *vem*, e humanamente
O Capitão sublime os recebia.
As mesas manda pôr em continente;
Do licor que Lieu *prantado* havia
Enchem vasos de vidro; e do que deitam
Os de Fâeton queimados nada enjeitam.
- 50 Comendo alegremente, perguntavam,
Pela Arábica língua, donde vinham,
Quem eram, de que terra, que buscavam,
Ou que partes do mar corrido tinham.
Os fortes Lusitanos *the* tornavam
As discretas *repostas* que convinham:
“Os Portugueses somos do Ocidente,
Imos buscando as terras do Oriente.
- 51 Do mar temos corrido e navegado
Toda a parte do Antártico e Calisto,
Toda a costa Africana rodeado,
Diversos céus e terras temos visto.
Dum Rei potente somos, tão amado,
Tão querido de todos e benquisto,
Que não no largo Mar, com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Aqueronte.

- 52 E, por mandado seu, buscando andamos
A terra Oriental que o Indo rega;
Por ele o mar remoto navegamos,
Que só dos feios focas se navega.
Mas já razão parece que saibamos
(Se entre vós a verdade não se nega)
Quem sois, que terra é esta que habitais,
Ou se tendes da Índia alguns sinais”.
- 53 “Somos (um dos das Ilhas lhe tornou)
Estrangeiros na terra, Lei e nação;
Que os próprios são aqueles que criou
A Natura, sem Lei e sem Razão.
Nós temos a Lei certa que *insinou*
O claro descendente de Abraão,
Que agora tem do Mundo o senhorio,
A mãe Hebreia teve e o pai Gentio.
- 54 Esta Ilha pequena que habitamos
É em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos,
De Quíloa, de Mombaça e de Sofala.
E, por ser necessária, procuramos,
Como próprios da terra, de habitá-la;
E, *por* que tudo enfim vos notifique,
Chama-se a pequena Ilha: Moçambique.
- 55 E já que de tão longe navegais,
Buscando o Indo *Hidaspe* e terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente.
Também será bem feito que tenhais
Da terra algum refresco, e que o Regente,
Que esta terra governa, que vos veja
E do mais necessário vos proveja.”

- 56 Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus batéis com toda a companhia;
Do Capitão e gente se apartou
Com mostras de devida cortesia.
Nisto Febo nas águas encerrou,
Co carro de cristal, o claro dia,
Dando cargo à Irmã, que alumiasse
O largo Mundo, enquanto repousasse.
- 57 A noite se passou, na lassa frota,
Com estranha alegria e não cuidada,
Por acharem, da terra tão remota,
Nova de tanto tempo desejada.
Qualquer então consigo cuida e nota
Na gente e na maneira desusada,
E como os que na errada Seita creram,
Tanto por todo o mundo se estenderam.
- 58 Da *hũa* os claros raios rutilavam
Polas argêntas ondas Neptuninas;
As Estrelas os Céus acompanhavam,
Qual campo revestido de boninas;
Os furiosos ventos repousavam
Polas covas escuras peregrinas;
Porém da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.
- 59 Mas, *assi* como a Aurora marchetada
Os *fermosos* cabelos espalhou
No Céu sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hiperiãoio, que acordou,
Começa a embandeirar-se toda a armada
E de toldos alegres se adornou,
Por receber, com festas e alegria,
O Regedor das Ilhas, que partia.

- 60 Partia, alegremente navegando,
A ver as naus ligeiras Lusitanas,
Com refresco da terra, em si cuidando
Que são aquelas gentes inumanas
Que, os *apousentos* Cáspios habitando,
A conquistar as terras Asianas
Vieram, e, por ordem do Destino,
O Império tomaram a *Costantino*.
- 61 Recebe o Capitão alegremente
O Mouro e toda sua companhia;
Dá-lhe de ricas peças um presente,
Que só *pera* este efeito já trazia;
Dá-lhe conserva doce e dá-lhe o ardente,
Não usado licor, que dá alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come e bebe.
- 62 Está a gente marítima de Luso
Subida pela enxárcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo e uso
E a linguagem tão bárbara e enleada.
Também o Mouro astuto está confuso,
Olhando a cor, o traje e a forte armada;
E, perguntando tudo, lhe *dezia*
Se porventura vinham de Turquia.
- 63 E mais lhe diz, também, que ver deseja
Os livros de sua Lei, preceito ou fé,
Pera ver se conforme à sua seja,
Ou se são dos de Cristo, como crê;
E, *por* que tudo note e tudo veja,
Ao Capitão pedia que lhe dê
Mostra das fortes armas de que usavam,
Quando *cos* inimigos pelejavam.

- 64 Responde o *valeroso* Capitão,
Por um que a língua escura bem sabia:
“Dar-te-ei, Senhor ilustre, relação
De *mi*, da Lei, das armas que trazia.
Nem sou da terra nem da *gèração*
Das gentes enojosas de Turquia:
Mas sou da forte Europa belicosa,
Busco as terras da Índia tão famosa.
- 65 A Lei tenho d'Aquele a cujo império
Obedece o *visível* e *invisível*,
Aquele que criou todo o Hemisfério,
Tudo o que sente e todo o *insensível*;
Que padeceu desonra e vitupério,
Sofrendo morte injusta e *insofribil*,
E que do Céu à Terra enfim *deceu*,
Por subir os mortais da Terra ao Céu.
- 66 Deste Deus-Homem, alto e infinito,
Os livros que tu pedes não trazia,
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel o que na alma andar devia.
Se as armas queres ver, como tens dito,
Comprido esse desejo te seria;
Como amigo as verás, porque eu me obrigo
Que nunca as queiras ver como inimigo.”
- 67 Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros amostrar as armaduras:
Vem arneses e peitos reluzentes,
Malhas finas e lâminas seguras,
Escudos de pinturas diferentes,
Pelouros, espingardas de aço puras,
Arcos e sagitíferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas.

- 68 As bombas *vem* de fogo e juntamente
As panelas sulfúreas, tão danosas;
Porém aos de Vulcano não consente
Que *dem* fogo às bombardas temerosas;
Porque o generoso ânimo e valente,
Entre gentes tão poucas e medrosas,
Não mostra quanto pode; e com razão:
Que é fraqueza entre ovelhas ser leão.
- 69 Porém disto que o Mouro aqui notou
E de tudo o que viu com olho atento,
Um ódio certo na alma lhe ficou,
Hũa vontade má de pensamento.
Nas mostras e no gesto o não mostrou,
Mas, com risonho e ledó fingimento,
Tratá-los brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina.
- 70 Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem pudesse à Índia ser levado;
Diz-lhe que o largo prémio levarão
Do trabalho que nisso for tomado.
Promete-lhos o Mouro, com tenção
De peito venenoso e tão danado
Que a morte, se pudesse, neste dia,
Em lugar de pilotos lhe daria.
- 71 Tamanho o ódio foi e a má vontade,
Que aos estrangeiros *súbito* tomou,
Sabendo ser *sequaces* da Verdade,
Que o filho de David nos ensinou.
Oh! Segredos daquela Eternidade
A quem juízo algum não alcançou!
Que nunca falte um pérfido inimigo
Àqueles de quem foste tanto amigo!

- 72 Partiu-se nisto, enfim, *co* a companhia,
Das naus o falso Mouro despedido,
Com enganosa e grande cortesia,
Com gesto ledo a todos e fingido.
Cortaram os batéis a curta via
Das águas de Neptuno; e, recebido
Na terra do obsequente ajuntamento,
Se foi o Mouro ao cógnito *apousento*.
- 73 Do claro Assento etéreo, o grão Tebano,
Que da paternal coxa foi nascido,
Olhando o ajuntamento Lusitano
Ao Mouro ser molesto e *avorrecido*,
No pensamento cuida um falso engano,
Com que seja de todo destruído.
E, enquanto isto só na alma imaginava,
Consigno estas palavras praticava:
- 74 “Está do Fado já determinado 27
Que tamanhas vitórias, tão famosas,
Hajam os Portugueses alcançado
Das Indianas gentes belicosas.
E eu só, filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Hei de sofrer que o Fado favoreça
Outrem, por quem meu nome se escureça?
- 75 Já quiseram os Deuses que tivesse
O filho de *Filipo*, nesta parte,
Tanto poder que tudo *sometesse*
Debaixo do seu jugo o fero Marte;
Mas há-se de sofrer que o Fado desse
A tão poucos tamanho esforço e arte,
Que eu, *co* grão Macedónio e Romano,
Dêmos lugar ao nome Lusitano?

76 Não será *assi*, porque, antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe será tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente.
Eu *decerei* à Terra e o indignado
Peito revolverei da Maura gente,
Porque sempre por via irá *dereita*
Quem do oportuno tempo se aproveita.”

77 Isto dizendo, irado e quase insano,
Sobre a terra Africana descendeu,
Onde, vestindo a forma e gesto humano,
Pera o Prasso sabido se moveu.
E, *por melhor* tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteu
Dum Mouro, em Moçambique conhecido,
Velho, sábio e *co* Xequê mui valido.

28 78 E, entrando *assi* a falar-lhe, a tempo e horas
A sua falsidade acomodadas,
Lhe diz como eram gentes roubadoras
Estas que ora de novo são chegadas;
Que das nações na costa moradoras,
Correndo a fama veio que roubadas
Foram por estes homens que passavam,
Que com pactos de paz sempre ancoravam.

79 “E sabe mais (lhe diz) como entendido
Tenho destes Cristãos sanguinolentos,
Que quase todo o mar *tem* destruído
Com roubos, com incêndios violentos;
E trazem já de longe engano urdido
Contra nós; e que todos seus intentos
São *pera* nos matarem e roubarem,
E mulheres e filhos cativarem.

- 80 E também sei que tem determinado
De vir por água a terra, muito cedo,
O Capitão, dos seus acompanhado,
Que da tenção danada nasce o medo.
Tu deves de ir também *cos* teus armado
Esperá-lo em cilada, oculto e quedo,
Porque, saindo a gente descuidada,
Cairão facilmente na cilada.
- 81 E, se *inda* não ficarem deste jeito
Destruídos ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito
Outra manha e ardil que te contente:
Manda-*lhe* dar piloto que de jeito
Seja astuto no engano, e tão prudente
Que os leve aonde sejam destruídos,
Desbaratados, mortos ou perdidos.”
- 82 Tanto que estas palavras acabou,
O Mouro, nos tais casos sábio e velho,
Os braços pelo colo *lhe* lançou,
Agradecendo muito o tal conselho;
E logo nesse instante concertou
Pera a guerra o belígero aparelho,
Pera que ao Português se *lhe* tornasse
Em roxo sangue a água que buscasse.
- 83 E busca mais, *pera* o cuidado engano,
Mouro que por piloto à nau *lhe* mande,
Sagaz, astuto e sábio em todo o dano,
De quem fiar se possa um feito grande.
Diz-*lhe* que, acompanhando o Lusitano,
Por tais costas e mares *co* ele ande,
Que, se daqui escapar, que lá diante
Vá cair onde nunca se alevante.

- 84 Já o raio Apolíneo visitava
Os Montes Nabateios acendido,
Quando Gama *cos* seus determinava
De vir por água a terra apercebido.
A gente nos batéis se concertava
Como se fosse o engano já sabido;
Mas pôde suspeitar-se facilmente,
Que o coração pressago nunca mente.
- 85 E mais também mandado tinha a terra,
De antes, pelo piloto necessário,
E foi-lhe respondido em som de guerra,
Caso do que cuidava mui contrário;
Por isto, e porque sabe quanto erra
Quem se crê de seu pérfido adversário,
Apercebido vai, como podia,
Em três batéis somente que trazia.
- 30
- 86 Mas os Mouros que andavam pela praia,
Por lhe defender a água desejada,
Um de escudo abraçado e de azagaia,
Outro de arco encurvado e seta ervada,
Esperam que a guerreira gente saia,
Outros muitos já postos em cilada;
E, *por* que o caso leve se *lhe* faça,
Põe uns poucos diante por negaça.
- 87 Andam pela ribeira alva, arenosa,
Os belicosos Mouros acenando
Com a adarga e *co* a hástia perigosa,
Os fortes Portugueses incitando.
Não sofre muito a gente generosa
Andar-lhe os Cães os dentes amostrando;
Qualquer em terra salta, tão ligeiro,
Que nenhum dizer pode que é primeiro:

- 88 Qual, no corro *sanguino*, o ledo amante,
Vendo a *fermosa* dama desejada,
O touro busca, e, pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena e brada,
Mas o animal *atroce*, nesse instante,
Com a frente cornígera inclinada,
Bramando, duro corre e os olhos cerra,
Derriba, fere e mata e põe por terra.
- 89 Eis nos batéis o fogo se levanta
Na furiosa e dura *artilheria*,
A plúmbea pela mata, o brado espanta,
Ferido, o ar retumba e *assovia*.
O coração dos Mouros se quebranta,
O temor grande o sangue *lhe* resfria.
Já foge o escondido, de medroso,
E morre o descoberto aventureoso.
- 90 Não se contenta a gente Portuguesa,
Mas, seguindo a vitória, *estruê* e mata;
A povoação sem muro e sem defesa
Esbombardeia, acende e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe pesa,
Que bem cuidou comprá-la mais barata;
Já blasfema da guerra, e maldizia,
O velho inerte e a mãe que o filho cria.
- 91 Fugindo, a seta o Mouro vai tirando
Sem força, de covarde e de apressado,
A pedra, o pau e o canto arremessando;
Dá-lhe armas o furor desatinado.
Já a Ilha e todo o mais *desemparando*,
À terra firme foge amedrontado;
Passa e corta do mar o estreito braço
Que a Ilha em torno cerca, em pouco espaço.

- 92 Uns vão nas *almádias* carregadas,
Um corta o mar a nado, diligente;
Quem se afoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar e o deita juntamente.
Arrombam as miúdas bombardadas
Os pangaiais *sotis* da bruta gente.
Destarte o Português, enfim, castiga
A vil malícia, pérfida, inimiga.
- 93 Tornam vitoriosos *pera* a armada,
Co despojo da guerra e rica presa,
E vão a seu prazer fazer aguada,
Sem achar resistência nem defesa.
Ficava a Maura gente magoada,
No ódio antigo mais que nunca acesa;
E, vendo sem vingança tanto dano,
Somente estriba no segundo engano.
- 94 Pazes cometer manda, arrependido,
O Regedor daquela *inica* terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido
Que, em figura de paz, lhe manda guerra;
Porque o piloto falso prometido,
Que toda a má tenção no peito encerra,
Pera os guiar à morte *lhe* mandava,
Como em sinal das pazes que tratava.
- 95 O Capitão, que já lhe então convinha
Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado e ventos tinha
Pera ir buscar o Indo desejado,
Recebendo o piloto que lhe vinha,
Foi dele alegremente agasalhado,
E, respondendo ao mensageiro, a tento,
Às velas manda dar ao largo vento.